

# JOSÉ CARDOSO PIRES: À ESPERA DO "DELFIN"

42 anos, casado, autor de, entre outras obras, «Jogos de Azar», «O Render dos Heróis», «O Hóspede de Job» e «Caminheiros», escritor premiado e difundido no estrangeiro — eis a ficha sumária do romancista que renovou a prosa portuguesa e pôs em voga novo mito: o Marialva.

A sequência de vinte anos de labor literário, o interesse com que se aguarda o novo romance de José Cardoso Pires significa, por si só, a consagração de uma obra que, há muito, ocupou lugar cimeiro nos quadros da literatura nacional donde partiu para a caminhada da universalização. O romance em questão — *O Delfim* — será publicado em fins de Fevereiro e, em face deste escritor que produz lentamente e reedita com regularidade, não deixa de ser oportuno recordar como tem sido débil a actividade editorial dos autores portugueses nos últimos tempos, sobretudo no campo da ficção.

— Há — diz-nos Cardoso Pires — uma crise universal na ficção. O ensaio sociológico nos moldes modernos em que está a ser feito, por exemplo, por Oscar Lewis, penetrou muitíssimo no terreno **vívido** do romance e recrutou muitos dos seus leitores. Por outro lado, o magazine tornou-se mais aliciante, mais profundo até e, literariamente, mais exigente. Isto, a TV e outros factores bem conhecidos reduziram a audiência da ficção, é inegável..

— E *O Delfim* já anunciado há tanto tempo? Qual a razão da demora?



ENTREVISTA AFONSO PRAÇA  
FOTOS JOAQUIM LOBO

Cardoso Pires aguarda o seu novo livro, «O Delfim» — romance que ilustra as características do marialvismo.

José Cardoso Pires responde:

— Razões de trabalho. Reescrevi-o quatro vezes.

— De qual dos seus outros livros se aproxima mais esse romance?

— Do **Anjo Acorado**, talvez... Só que aqui as personagens são meras figuras de acção e o herói, o verdadeiro protagonista, é o tempo. O tempo físico, até, com as suas alienações da morte e do prazer.

Estamos, com efeito, na presença de um escritor meditado que, mesmo em conversa, se analisa, hesita, recomeça... Da sua prosa, disse Óscar Lopes que «é talvez a mais limpa e mondada que hoje temos» e essa depuração explica, possivelmente, que o seu primeiro romance — «O Hóspede de Job» — tenha obtido a alta consagração do prémio Camilo Castelo Branco e que a única peça que escreveu — «O Render dos Heróis» — tenha resultado, no palco do «Império», em Lisboa, num dos melhores espectáculos do teatro português contemporâneo.

Um livro, no entanto, merece uma referência especial pela receptividade que encontrou junto do público e pela controvérsia que provocou. Refiro-me à «Cartilha do Marialva» que, segundo a Crítica, revelou «uma nova figura da sociologia portuguesa: o Marialva».

E pergunto a José Cardoso Pires:

— Que representa para si a **Cartilha do Marialva**?

— Uma meditação sobre a nossa actualidade, através de uma revisão muito pessoal das tradições que acumulámos. As definições do marialva que encontro na vida quotidiana foram sistematizadas nesse ensaio, mas as suas características (machismo, autoritarismo, etc.) estão ilustradas na ficção que escrevi e em particular no próximo romance, **O Delfim**.

#### ● VIVER E ESCREVER...

Actualmente, José Cardoso Pires não tem outra actividade, além de escrever e dirigir uma colecção numa editorial. Isso permite-lhe abandonar a capital por períodos mais ou menos longos, durante os quais se entrega ao seu trabalho («Nunca escrevo em família» — diz ele — e regressar, depois, à vida da cidade, à casa, aos amigos e «aos prazeres do dia a dia»).

Publicado nos principais países da Europa, em antologias ou em livro, Cardoso Pires detesta o cosmopolitismo que classi-



fica «de uma expressão tão provinciana como o bairrismo» e não frequenta tertúlias. Em vez disso, frequenta um bar antigo do Chiado onde se reúne com amigos das mais diversas profissões. Sabe-se que é apaixonado da «festa brava» e é exactamente nesse bar que se costumam reunir alguns apreciadores da tauromaquia.

— Como concilia a predilecção pela corrida com as suas críticas ao marialvismo? — pergunto-lhe.

Sorri, como se há muito esperasse pela pergunta:

— Sou partidário da corrida à espanhola, que é uma forma superior de Arte. Não tem nada a ver com marialvismo...

#### ● A ACTUALIDADE PORTUGUESA

Aludiu-se, atrás, à deficitária publicação dos autores portugueses no campo da ficção. No balanço do ano passado, os críticos

Cardoso Pires vive num primeiro andar, em Lisboa, na parte nova da cidade. Na sua casa, muitos quadros de João Abel Manta, Querubim Lapa, Pomar, Portinari, Erni, etc. e esculturas de Jorge Vieira, Lagoa Henriques, Vasco da Conceição, Maria Barreiro e Conduto. Em cima da mesa (onde não escreve), vê-se uma escultura de Pomar, representando um touro.

referiam que 1967 decorreu sob o signo de Camilo, sempre vivo através de sucessivas reedições. Quanto à Poesia, dizem uns que há superabundância de versos e falta de Poesia. Perante isto, como caracteriza José Cardoso Pires o panorama literário português na actualidade?

— Assim, em duas penas? — pergunta-me ele.

— Pelo menos, qual a qualidade fundamental que encontra na nossa produção?...

— A diversidade, possivelmente... Sim, não há dúvida de que temos hoje, como nunca tivemos, um conjunto de escritores com possibilidades de universalização.

— E quais os principais defeitos que encontra?

— A falta de estímulo, sobretudo em relação aos escritores jovens — responde Cardoso Pires. — No que respeita aos consagrados, o que mais me choca é a rotina e a carência de renovação que encontro em muitos deles.

— Quais os escritores que mais o influenciaram?

— Não sei... Dezenas e dezenas. Dos estrangeiros, Gogol, Stephen Crane, Melville, Hemingway e William Styron ensinaram-me muito sobre a economia da narrativa. Paralelamente, em portugueses como Fernão Mendes Pinto, Fernão Lopes, Raul Brandão, Almada Negreiros e Carlos de Oliveira encontro admiráveis exemplos de sobriedade e de ritmo literário...

— Se lhe pedisse que me indicasse um livro para leitura, qual indicaria?

— Talvez o **Kaddish**, de Allen Ginsberg ou qualquer outro poeta de São Francisco. Talvez a antologia de Bob Dylan... Cito ainda um bom livro de um novo escritor português: **A Paixão**, de Almeida Faria.

E enquanto esperamos por «O Delfim», será bom irmos ao encontro de qualquer poeta de São Francisco ou ler a antologia de Bob Dylan...